



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17758 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: REALIDADE E PERSPECTIVA DOS PROFESSORES EM SUA ROTINA

Silmara Bezerra Paz Carvalho - UFPI - Universidade Federal do Piauí

## **PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: REALIDADE E PERSPECTIVA DOS PROFESSORES EM SUA ROTINA**

### **1 INTRODUÇÃO**

Partindo do princípio daquele que ensina como um adulto aprendiz, que vivencia processos formativos constantemente, ou que deve vivenciar, para assim produzir conhecimento ativamente, este estudo apresenta um recorte da pesquisa de mestrado intitulada “A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: dimensões estruturantes da prática educativa”.

Diante da necessidade formativa e da ação docente eficaz, indaga-se: quais as experiências e as perspectivas das professoras sobre o ato de planejar e gerenciar os planos de ensino em sua prática docente?. É válido ressaltar que o planejamento surge como umas das dimensões estruturantes da prática educativa que foram e são vivenciadas pelos professores que ensinam matemática nos anos iniciais do ensino fundamental, atendendo a modalidade regular e/ou a Educação de Pessoas Jovens e Adultas que adentram esta etapa inicial dos processos de ensino e aprendizagem.

Portanto, objetiva-se apresentar as experiências e perspectivas das professoras sobre o ato de planejar e gerenciar seus planos de ensino como uma das dimensões estruturantes da prática educativa. O referencial teórico metodológico configura-se como pesquisa qualitativa do tipo descritiva com abordagem narrativa. A coleta dos dados foi através de entrevista narrativa, composta por uma amostra de 06 (seis) professoras da rede municipal de ensino de Alto Longá-Piauí, seguindo critérios pré-estabelecidos. As participantes foram identificadas por pseudônimos com o nome das unidades temáticas propostas na

BNCC para Matemática (Grandeza, Estatística, Álgebra, Probabilidade, Geometria e Medidas).

Os dados coletados foram categorizados a partir do uso do software de análise lexical IRAMUTEQ, referenciados pelas contribuições de Bardin (2016) e interpretados utilizando a técnica da análise do discurso fundamentada em Fiorin (2018) e outros. O interesse pela temática partiu das vivências experienciadas, enquanto professora e formadora de professores, que desejava compreender as perspectivas das professoras, partindo de uma visão enquanto pesquisadora, para assim contribuir e refletir sobre esse momento essencial da prática docente, chamado de planejamento.

## **2 DIMENSÕES ESTRUTURANTES DA PRÁTICA EDUCATIVA: PLANEJAR E GERENCIAR O PLANO DE ENSINO**

Podemos refletir sobre o processo educativo e seus desafios diários, como uma oportunidade de planejar e agir através do pensamento prático e, ainda, como uma atitude reflexiva, podendo avaliar constantemente a ação educativa, pedagógica e docente, dentro do contexto ao qual estamos inseridos e sendo desafiados constantemente, não nos limitando apenas ao ensino.

Ser professor demanda compreender reflexivamente como será desenvolvida as ações docentes no decorrer do processo de profissionalização, diante disso é essencial os saberes pedagógicos para refletirmos sobre a ação, os saberes disciplinares e curriculares para proporcionarmos aos alunos os direitos de aprendizagem referentes aos componentes curriculares e ao desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para cada ano escolar, valorizando a cultura local e regional, que na verdade serão contemplados conforme os saberes experienciais do professor no decorrer do seu percurso profissional.

De acordo com as ideias de Dewey (1979), a prática educativa pode ser caracterizada como uma atividade social, prática, experimental, interativa, sendo que esta parte das necessidades individuais e precisa estar ligada à vida que se vive, centrada no aluno, em seus interesses e aptidões.

Para que essa prática se efetive, existe várias dimensões que possibilitam seu progresso, cabe aqui ressaltar as que dizem respeito à Educação Matemática. Levamos em consideração o significado da palavra *dimensão* no sentido daquilo que compõe a extensão da prática educativa e do termo *estruturante* no sentido do que planeja ou planifica detalhadamente medidas estruturantes para a prática na Educação Matemática.

É sabido que o planejamento é essencial para se desenvolver qualquer ação.

O importante é partir dos planos reais que os professores/as fazem, admitindo que se orientam por esquemas mentais bastante simples, geralmente não explicitados, mas que podem e devem pautar-se em esboços “escritos” para esclarecer as ideias das quais se parte, ser discutidos consigo mesmo ou com os outros, e aprendendo e formalizando a experiência (Sacristán; Gómez, 1998, p. 276).

A prática educativa e o ato de educar ocorre a partir desses elementos essenciais, dentre eles, o ato de planejar, ou seja, planificar as ações no que se refere aos objetos do conhecimento, os objetivos, os métodos, a metodologia, os recursos, a avaliação e a intervenção. Sacristán e Gómez (1998) propõem uma reflexão sobre os processos de planejamento e nos trazem a ideia de programação escrita como um reflexo dos esquemas mentais, individuais ou de grupo, nas quais essas decisões devem estar pautadas. Além de cumprir normativas, devemos alcançar uma possível prática através de métodos e metodologia condizentes com o contexto da escola e dos indivíduos que a compõem.

Segundo Zabala (1998), existem alguns fatores que se inter-relacionam, como o tipo de atividade metodológica, os aspectos materiais da situação, estilo de professor, relações sociais, conteúdos culturais, dentre outros. Há, no entanto, os elementos constitutivos da didática, apresentados por Melo e Urbanetz (2012), que são os objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação. Interligando as concepções dos autores, esses fatores precisam ser compreendidos a partir da noção de totalidade, de maneira a percebermos que o universo escolar está sempre vinculado intimamente ao universo social mais amplo, inclusive de maneira decisória.

Gandin (1994) defende que, dentre tantas funções de um planejamento, obrigatório em qualquer atividade humana, este deve ser um processo educativo, uma prática que sublinhe a participação, a democracia, a libertação, promovendo uma união entre vida e técnica para o bem-estar do homem e da sociedade.

Em todas as esferas da vida humana planejar é, essencialmente, prever, antever, o que se quer, o que se deseja. Em educação o planejamento implica, para além do desejo de uma ação sistemática do que se pretende. E a realidade é o primeiro aspecto a ser considerado quando se planeja. [...] demanda pensar a totalidade em suas múltiplas relações e determinações (Melo; Urbanetz, 2012, p. 75).

Notamos, a partir dessa colocação, a importância de se refletir sobre o processo de organização que antecede qualquer ação humana ou que deve anteceder para que esta transcorra de forma a levar em consideração três dimensões básicas: a realidade, a finalidade e o plano de ação. Diante das variadas definições do planejamento na Educação, existem funções e características que são predominantes no ato de organizar e que iremos

aprofundar ao longo da pesquisa, buscando compreender os elementos que os professores da educação básica dos Anos Iniciais, utilizam para a concretização do planejamento da sua prática educativa.

## 2.1 Planejamento estratégico: planejar e gerenciar o plano de ensino

O ato de planejar é inerente ao ser humano; em tudo que desenvolvemos na vida, de certa maneira há um planejamento prévio, muitas vezes não muito perceptível, porque estamos condicionados a agir a partir de comandos dos nossos órgãos vitais. Esse processo pode acontecer de acordo com a afirmação de Sacristán e Gomez (1998) a partir de esboços escritos ou não.

Na educação não poderia ser diferente; quando se trata de lidar com processos de ensino e aprendizagem, é essencial compreendermos de onde devemos partir; qual o objetivo que desejamos alcançar; para quem; onde; de que maneira; como avaliar e quando intervir, caso seja necessário. “Esse seria o ponto de partida primordial que determina, justifica e dá sentido à intervenção pedagógica” (Zabala, 1998, p. 21). Portanto, na escola, quem planeja é o professor, para oportunizar condições que favoreçam a melhor aprendizagem do aluno, dado que, diante de qualquer ação do professor em sala de aula, haverá reflexos em maior ou menor grau na formação do aluno.

De modo geral, nos discursos, sobressai que, ao iniciar um determinado ciclo de planejamento da prática pedagógica, os professores recebem as orientações da SEMEC, através de um *plano de gerenciamento* que contempla objetos do conhecimento, habilidades, carga horária prevista para um determinado ano de ensino, de acordo com cada componente curricular, justificando-se o desenvolvimento de um trabalho em rede. Observa-se uma regularidade nos trechos de fala, iniciando por uma ordem cronológica do ato de planejar, nesse contexto de análise.

Probabilidade afirma ter [...] *um encontro por mês na Secretaria onde eles passam as orientações gerais*, que seria a entrega e discussão desse material. Percebe-se, no transcorrer das falas, o uso das expressões verbais *receber*, *repassar*, *nortear* para referirem-se ao plano proposto, assim como há uma relação de que *a partir, dali, daí* é que avançam para organizar os elementos constituintes da “[...] didática, como um instrumento potencializador da transformação social” (Melo; Urbanetz, 2012, p. 17), dos que estão envolvidos no processo.

Esse plano de gerenciamento seria um elemento de *instruções, orientações e suporte* (Grandeza; Probabilidade; Medidas) para as etapas seguintes do

planejamento da prática pedagógica. Destarte, “a memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso [...], e retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito [...], sustentando cada tomada de palavra” (Orlandi, 2020, p. 29). Nesse ponto de vista, para referir-se ao como acontece hoje o planejamento estratégico, a professora retomou suas memórias, afirmando que: *o planejamento e a organização na sala de aula, no início da minha trajetória, eram feitos por um grupo de pessoas da prefeitura e nós professores recebíamos pronto* (Álgebra). Deduz-se que o planejamento de toda a ação pedagógica era feito por outrem e o professor tinha a função de executar.

O que se apresenta diferente no atual contexto, exposto nos trechos na maioria das falas, a partir do plano de gerenciamento, 1- [...] *ver o que tem proposto, e dali vai planejar sua prática*, 3- [...] *elaboro o meu planejamento mensal com orientações dos coordenadores*, 5- [...] *a gente faz o plano de ensino mensal, produzimos o roteiro de estudo e o caderno de atividades para complementar a proposta dos livros didáticos*, e são formados 6- [...] *grupos dos professores que trabalham nas escolas multisseriadas por ano e componente curricular* (Grandeza, Álgebra, Geometria, Medidas, nessa ordem).

É perceptível uma diferença sobre a utilização desse plano de gerenciamento, sendo que, na zona urbana, cada professor segue para planejar, de acordo com suas necessidades materiais e pedagógicas com o [...] *apoio da coordenação* (Álgebra). De forma diferente, na zona rural, acontece em grupos de estudo na SEMEC, com o acompanhamento de uma coordenadora geral, para planejar e depois todas compartilham para ser executado, dado o tamanho da complexidade de se trabalhar com vários anos de ensino, como foi apresentado no perfil inicial das escolas e de sua estrutura, tanto física como de gestão.

Todavia, afirma-se um pensar no planejamento partindo da instituição maior, que seria a rede de ensino, para adentrar nas unidades escolares e em suas salas de aula didaticamente organizados. Isso justificaria um pensar diferente para o ato de planejar, saindo de um campo apenas burocrático, para adentrar pela intencionalidade de promover o ensino e a aprendizagem matemática de maneira eficiente, ou seja, “[...] não há ventos favoráveis para quem não sabe para onde navega” (Moretto, 2014, p. 100)”. Planejar é saber, é organizar, é estruturar uma proposta, que seja capaz de ser executada com objetivos claros e plausíveis.

## **2.2 - Planejar a escola: necessidades materiais e pedagógicas**

Na fala de Grandeza, aparecem alguns fatores importantes que remetem ao planejamento de uma determinada proposta pedagógica de Matemática [...] *observo se tem como trabalhar com jogos; como vai ser esse planejamento; que dia vou*

*trabalhar; que material utilizar; [...] o tempo necessário e se o espaço é suficiente, se dá para trabalhar em grupo e individual.* Vemos que a professora apresenta o modo como ocorre a organização das suas estruturas mentais, antes de executar a escrita de um determinado plano, o que nos remete a visualizar uma planificação referente às atividades de ensino ou didáticas de uma escola ou sala de aula, pautando-se num planeamento educacional, partindo do macro até chegar a esse estágio, considerando em todas esferas as dimensões essenciais para a prática educativa.

Sabe-se que “o planeamento é um roteiro de saída, sem certeza dos pontos de chegada. Por esta razão todo planeamento busca estabelecer a relação entre a previsibilidade e a surpresa” (Moretto, 2014, p. 100). Ou seja, é na ação que se pode avaliar para replanejar, de acordo com o que acontece na prática em sala de aula. Em meio aos discursos, aparecem alguns termos referentes ao que é desenvolvido pelos professores, em relação ao ato de planejar a escola, como: *planejamento, planejar, elaborar, trocar, plano de ensino, plano mensal, plano de aula, plano diário, rotina, roteiro, caderno de atividades, preenchimento de fichas* (participantes). Corroborando o que dizem Tardif e Lessard (2008), um plano sempre dependerá do outro para acontecer eficientemente; todos eles partem do plano educacional geral, com perspectivas macro para a educação, até chegarem à sala de aula, com suas rotinas, sequências didáticas, atividades e avaliação.

Especificado por Álgebra, o planeamento é elaborado [...] *de acordo com as necessidades dos alunos.* Isso representa uma concepção de ensino e aprendizagem, considerando o contexto e os seus conhecimentos prévios. Contemplado no discurso de Estatística, [...] *para trabalhar com a EJA, faço uma rotina durante a semana, considerando os componentes curriculares de Matemática e Português, [...] foco na leitura, em situações-problema, números, somas, leitura na Matemática e outros* (Estatística).

Essa fala representa bem uma certa autonomia da professora, em priorizar alguns componentes curriculares para trabalhar com as especificidades dos adultos dessa modalidade, diferentemente da sua prática nas turmas dos anos iniciais regular. Ao desenvolver essa atitude, chama-se a atenção para a possibilidade de colocar o aluno ativamente na organização de ações pontuais em sala de aula, pois, [...] *dependendo do que vai ser executado, é construído com os alunos* (Álgebra).

Grandeza concebe que há [...] *algumas necessidades de recursos[...], mas é possível trabalhar jogos, mesmo que não tenha recursos tão sofisticados* (Grandeza). Essa afirmação demonstra a realidade da maioria das escolas públicas, assim como a justificativa de muitos professores em não aplicar determinada estratégia ou inovar a sua prática. Contudo, mesmo sendo uma das

dificuldades, traz para o discurso que há um leque de oportunidades para se desenvolver um jogo ou outras escolhas de métodos e materiais, que possibilitem atividades pautadas na ludicidade, com objetivo educativo em todos os componentes curriculares.

Percebe-se que esses professores compreendem a sua função e responsabilidade diante do ato de planejar esse “roteiro que direciona uma linha de pensamento e ação” (Menegolla; Sant’anna, 2014, p. 44), que tão somente só tem sentido e exerce sua função se for utilizado com a concepção de que “[...]planejar não é decidir a vida para as pessoas, mas é, juntamente com elas descobrir uma melhor forma de vida para elas” (Menegolla; Sant’anna, 2014, p. 60). Portanto, o planejamento feito atualmente em grupos e não mais de forma isolada traz contribuições positivas, respaldando-se na colocação de Menegolla e Sant’Anna (2014) de que, quando se planeja junto e percebe-se qual é a necessidade de quem está envolvido no processo, há sentido para se planejar.

### **2.3 - Plano de ensino: rotinas e atividades de estudo**

Por se tratar de uma pesquisa que aconteceu em um contexto pandêmico, há uma provocação dos professores em colocar o quê e como estava acontecendo a organização ou aplicação de sua prática pedagógica, no contexto de pandemia e suas experiências diárias, assim como seus anseios.

Medidas relata que *[...] na pandemia, o material da Educação Infantil estava sendo organizado pela equipe de coordenação e recebíamos prontas as rotinas, o plano e as atividades, sendo feita uma formação para apresentar o material*. Diante do exposto, devemos refletir sobre isso, dado que, ao mesmo tempo que diminui o trabalho, também tira a possibilidade de planejar na perspectiva de atender há um contexto específico e dentro de uma realidade bem oposta às turmas seriadas. Ainda especifica que os planos dos demais anos, que são feitos em grupos, são compartilhados com todos, o que também deve ser analisado para se saber até que ponto isso impacta positivamente na formação e na prática desses profissionais.

No decurso das falas, Geometria declara que *[...] o professor tem a oportunidade de planejar, mas, quando chega na sala de aula, tem que mudar, procurar uma forma que inclua todos os alunos que estão no processo; é muito difícil fazer uma adequação individualizada*. Esse fato de *chegar na sala e ter que mudar o que foi planejado*, que chamamos de flexibilidade e é possível acontecer, é considerado como uma *oportunidade*, como se aquele plano fosse fruto de outras necessidades e não especificamente daquele contexto.

Posto isso, o professor, que tem o conhecimento do contexto social dos alunos, tem uma maior possibilidade de “[...] identificar as situações complexas relevantes para o grupo singular [...], e escolher estratégias contextualizadas que favoreçam a aprendizagem significativa” (Moretto, 2014, p. 102). Cabe considerar a complexidade de executar um planejamento que possibilite ao professor oferecer um ensino de qualidade para tantos anos de ensino juntos, tentando atender as demandas de um currículo de conteúdos que se diferencia a cada ano ou que vai aumentando o nível de aprofundamento para atingir determinadas habilidades.

Diante dessa realidade, “a maneira de organizar a aula, o tipo de incentivos, as expectativas que depositamos, os materiais que utilizamos, cada uma destas decisões veicula determinadas experiências educativas” (Zabala, 1998, p. 29) que podem nos permitir a diversificação no planejamento que venha a proporcionar atividades e momentos de observação e intervenções pontuais.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cabe salientar que, por meio dessa inter-relação cíclica, que devemos compreender o planejamento como um instrumento aliado e não como uma mera burocratização do processo de ensino, podemos avaliar nossa prática e adequar os objetivos, as metodologias, os instrumentos de acordo com a real situação de cada turma ou mesmo de maneira individualizada de cada discente. Esse processo de auto avaliação é essencial para que possamos promover intervenções necessárias independente do público alvo/modalidade de ensino.

Diante de uma determinada realidade, o ato de planejar vai além da atividade intelectual adentrando por outras características educacionais com uma diversidade ação reflexão, partindo do princípio de que os participantes apresentam suas experiências com o planejamento escolar de sua prática, no que se refere à organização da rede de ensino, da escola e da sala de aula, partindo do macro para o micro, ou seja, o plano parte da perspectiva da rede de ensino até chegar ao plano de aula, adentrando por princípios que tratam dos objetivos, objetos do conhecimento, metodologia/métodos, instrumentos e atividades que possibilitem a sua aplicação efetiva a partir das especificidades de cada escola e de suas respectivas turmas.

Todavia fica evidenciada-se temas essenciais, como o apoio da equipe pedagógica, a coletividade, a construção de planos partindo de um contexto real e individualizado, mesmo que tenham habilidades comuns com objetivos semelhantes, porém que atendam as demandas individuais/locais.



Corroborando o que diz Freire (1996), seria a coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço que retrata muito bem o que deve ser um planejamento de uma prática verdadeiramente educativa que saia apenas do campo burocrático para os processos de ação-reflexão-ação.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

DEWEY, J. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 4. ed. Tradução de Godofredo Rangel; Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979.

FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

MELO, A. de; URBANETZ, S.T. **Fundamentos de Didática**. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2012.

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I. M. **Por que planejar?: como planejar?: currículo, área, aula**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MORETTO, V. P. **Planejamento**: planejando a educação para o desenvolvimento de competências. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

SACRISTÁN, J. G.; GÓMEZ, A.I.P. **Compreender e transformar o ensino**. Trad. Ernani F. da Fonseca Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TARDIF, L.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Trad. de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Tradução de Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.